



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

ATITUDES LINGUÍSTICAS SOBRE AS VARIAÇÕES DA LÍNGUA SENA

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane

Candidato: **Pita Bongece Alfândega**

Supervisor: Prof. Doutor Gregório Firmino

MAPUTO, Dezembro de 2013

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal.

Dedicatória

À minha companheira Lisete Maria Domingos Meque, que junto construímos a nossa modesta família, que resultou em seis filhos: Jairo, Josué, Francisca (sogra), Florinda (velha), Fágrece (mana) e Fadisha (vovó); aos meus pais Bongece Alfândega Chissossa e Florinda Jequecene Chagaca; aos meus irmãos Zacarias, Malaquias e Ana; os cunhados Roberto e Omar.

Agradecimentos

Agradeço ao meu supervisor, Prof. Doutor Gregório Firmino, que me orientou para o bom caminho e sucesso desta pesquisa.

De maneira especial, aos informantes, que participaram do processo deste trabalho, pela sua simpatia ao diálogo e pela prestação com que atenderam as minhas solicitações; aos membros do Núcleo de Estudo do Cisená e do Ndzidzi Wa Mapungu da Beira, pelos conselhos e inspiração em ideias valiosas sobre a língua Sena; aos tradutores da Bíblia do Cisená, pela experiência de análise e observação das atitudes que apresentaram para a fiabilidade deste trabalho; às senhoras Telma e Clotilde, funcionárias do programa de Pós – Graduação da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, pelo apoio concedido e a todos que estiveram envolvidos na elaboração deste trabalho.

Sumário

O presente trabalho debruça-se sobre as variações dialectais do Sena, tendo como objectivo essencial descrever as Atitudes linguísticas dos seus falantes em Relação às diferentes formas de fala desta língua. Questionou-se a existência de diferentes abordagens que os estudos documentais sobre as variações dialectais e a falta de consenso que os mesmos apresentam sobre a língua Sena.

Para a discussão desta problemática nomeadamente, consulta a documentos, realização de entrevista e inquérito, observação das atitudes, para além do aprofundamento do conhecimento introspectivo. Os dados dos estudos documentais e das entrevistas permitiram constatar que de uma forma geral, reconhecem 11 variantes dialectais de Cisená que são Tonga, Phodzo, Care, Bangwe, Gombe, Lolo, Gorongozi, Caia, Rhumbala, Balke e Ciringoma. Assim, a conclusão do estudo aponta que as variantes Tonga, Phodzo Care, Balke e Bangwe reúnem o consenso na língua Sena.

Por fim o estudo recomenda a necessidade de continuação com estudos similares através de pesquisa do campo, de modo a perceber o que os falantes pensam sobre a língua Sena e suas variantes em particular, a necessidade de separar as variações linguísticas e das geográficas, para prevenir o uso de diferentes nomes sobre as mesmas variantes linguísticas.

INDICE

Declaração.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO GERAL.....	9
1.1 Introdução.....	9
1.2 Contextualização social e histórica do povo Sena.....	9
1.3 Objectivo.....	10
1.4 Motivação e Contribuição do Estudo	10
1.5 Problema	11
1.6 Hipótese	11
1.7 Limitações de Estudo.....	12
CAPÍTULO 2. REVISÃO DA LITERATURA.....	13
2.1 Introdução.....	13
2.2 Língua.....	13
2.3 Comunidade linguística.....	15
2.4 Variação linguística	17
2.5 Caminhos percorridos na pesquisa da dialectologia.....	18
2.6 Antecedentes teóricos dos estudos sociolinguísticos.....	24
CAPÍTULO 3. QUADRO TEÓRICO.....	25
3.1 Atitudes linguísticas	25
CAPÍTULO 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
4.1 Introdução.....	29
4.2 Pesquisa documental.....	29
4.3 Entrevista	30

CAPÍTULO 5. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	32
5.1 Introdução.....	32
5.2 Dados documentais sobre variantes de Cisená.....	32
5.3 Dados das entrevistas sobre as variantes de Cisená.....	36
CAPÍTULO 6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	55
BIBLIOGRAFIA.....	59

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO GERAL

1.1 Introdução

Este capítulo apresenta a contextualização sócio histórico do povo Sena, o objectivo, o problema, a hipótese, a motivação, a contribuição e as limitações do presente estudo.

1.2 Contextualização sócio-histórica do povo Sena

De acordo com Guthrie (1967-71), a língua Sena está integrada no Grupo Linguístico N44. Em Moçambique é falada nos distritos de Maringué, Chemba, Gorongosa, Nhamantada, Dondo, Cidade da Beira, Muandza, Cheringoma, Caia e Marromeu da província de Sofala, nos distritos de Tambara, Guro, Barwe, Makosa, Gondola e Chimoio da província de Manica, nos distritos de Changara, Xifunde, Mutarara e Moatize da província de Tete, nos distritos de Chinde, Luabo, Mopeia, Morrumbala, Nicoadala, Mocuba, Inhassunge e Milange da província da Zambézia, (NELIMO, 2007).

Segundo o Censo da população do (INE, 2010) em Moçambique a língua Sena é falada por 1.314.190 pessoas. Humbert (2005:12-27) apresenta Cisena como a 4ª língua mais falada na República do Malawi com 270.000 pessoas, concretamente, nos distritos de Nsanje e Xikwawa e na República do Zimbabwe é a 16ª língua com mais de 200.000 pessoas, principalmente, na província de Manikaland, que faz a fronteira com a província Moçambicana de Manica.

Devido a navegabilidade do rio Zambeze e alguns dos seus afluentes, muito cedo, o povo Sena entrou em contacto com outros povos idos da Índia e da Europa, que procuravam a fonte de ouro que vinha do interior, principalmente do Império de Mwenemutapa, cuja extensão cobria todo o território habitado pelo povo Sena até a costa do Índico. Pelo seu carácter de governação, Mwenemutapa era conhecido como Mutongi-dziko (governante da

terra), conseqüentemente, os seus descendentes passaram a ser identificados como Watonga e a sua língua por passou a chamar-se Sena-tonga ou simplesmente Citonga (Cabral, 1975).

Estes e outros factores fizeram que a língua Sena fosse alvo de estudos por parte de estrangeiros, o que impulsionou a elaboração da sua primeira gramática, que data de século XVII. (Dalby, 2004:547) refere que *‘um autor desconhecido escreveu uma gramática do Chissena data de 1680’*. Mais tarde, no Século XX foi elaborada a segunda gramática por um missionário Britânico Torrend que navegou o rio Zambeze. Isto chama atenção sobre a importância e o papel que a língua Sena desempenhou no vale do Zambeze, tendo, nessa altura, sido considerada a língua franca no império do Mwenemutapa, (Cabral, 1975).

1.3 Objectivo

O objectivo principal deste estudo é descrever *as atitudes linguísticas dos falantes da língua Sena sobre as variações dialectais que estão reportadas pelos diferentes documentos*. Com recurso a estes documentos procurou-se perceber junto dos diferentes nativos o que pensam sobre estas variações em relação a sua existência na língua Sena.

Com este estudo pretende-se encontrar novos dados sobre as variações da língua Sena e poder fornecer subsídios aos futuros estudos e projectos de desenvolvimento que visem promover o uso da língua Sena nos diferentes momentos de comunicação social e de ensino e aprendizagem para garantir uma participação activa dos falantes sem estigma e restrição linguística dentro da comunidade Sena.

1.4 Problema

As diferentes abordagens apresentadas pelos *dados documentais que falam sobre as variações da língua Sena têm provocado muitas divergências, tanto nos falantes da língua, assim como nas pesquisas científicas mais recentes, porque não trazer um número concreto de variações linguísticas do Cisena.*

Os dados documentais que os referimos acima apresentam entre se, a falta de consenso sobre os nomes que essas variações ostentam, a sua localização geográfica e a confusão sobre o que são as variações geográficas e as variações linguísticas propriamente ditas. Por esta razão, esta pesquisa procura preencher os principais pontos de divergências em relação às variações de língua Sena e o que está por detrás destes comportamentos de os dados documentais não se ajustarem de forma harmoniosa e, se faz parte do conhecimento e de sentimentos dos falantes sobre esta situação.

1.5 Hipótese

Na tentativa de encontrar argumentos que respondem este problema, foi definida uma hipótese que em forma preditiva e afirmativa e foi testada durante a pesquisa do campo com os entrevistados que foram escolhidos. Desta forma, foi formulada a seguinte hipótese:

“As variantes linguísticas apresentadas pelos estudos documentais não reúnem consenso porque alguns nomes dessas variações têm um carácter estigmatizantes”.

1.6 Motivação e Contribuição do Estudo

A escassez de estudos sociolinguísticos que visam analisar com base na percepção dos falantes, a relação entre a língua, a sociedade e a cultura, em particular, no que se refere às atitudes dos seus falantes, sobre a língua, sua expressão cultural, bem como o respeito das atitudes dos sujeitos em sua volta.

São também fundamentais as definições feitas sobre as variações de Cisena para os percebermos se tiveram boas escolhas ou criaram controversos. Isto permitiu-nos a verificar até que ponto tais atitudes contribuem para o bom senso ou de isolamento de determinadas formas de variação de Cisena.

Estes cenários pareceram-nos adequados ao estudo desta natureza e impeliram-nos a realizar esta pesquisa, dando um contributo não só para o estudo das atitudes linguísticas sobre as variações da língua Sena, como também para o desenvolvimento de mais estudos em outras línguas similares por diferentes investigadores e académicos.

1.7 Limitações de Estudo

Uma das principais limitantes deste estudo foi a escassez de estudos geolinguísticos para o continente africano e Moçambique em particular. Os estudos existentes centram-se nos agrupamentos étnicos linguísticos baseados nos trabalhos de mapeamentos e a expansão das missões católicas, arquidiocese, diocese, protestantismo e nos censos periódicos da população, o que provavelmente tenha influenciado nos estudos documentais sobre os dialectos da língua Sena, objecto da nossa pesquisa. A falta de tempo para o uso do método *matched guise technique*, criado por Wallace Lambert na década de 60, referido por Fernández (1998), que consiste na utilização de informantes bilingues podiam ler um mesmo texto em cada uma das variações estudadas e as leituras seriam gravadas em CD, intercalando-as de tal forma que pareça que cada texto foi emitido por um falante distinto. Em seguida outros informantes que poderiam ser ouvintes, também bilingues, após ouvir cada texto, iriam pontuar as várias características dos leitores das variações.

CAPÍTULO 2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Introdução

Neste capítulo são abordados os conceitos de língua, comunidade linguística, variação linguística. Apresenta-se também os caminhos percorridos na pesquisa de dialectologia e os antecedentes teóricos dos estudos sociolinguísticos.

2.2 Conceito de Língua

Nesta secção discute-se o conceito de língua apresentado pelos diferentes autores, nomeadamente: Hudson (1980), Wardhaugh (1992:1) e de Herculano Carvalho (1979:327).

Embora considerado um paradoxo a ideia de Saussure, pela sua dicotomia língua/parole e surge em baixo da definição Chomskyana competência/performance, o que contribuiu para a renovação do interesse pelos estudos de usos da língua no seu contexto sociocultural. Mesmo assim, o pensamento sobre a língua de Saussure sobre a língua está relacionado com a sua estrutura, enquanto a perspectiva de competência considerada por Chomsky está relacionada com a Gramática Universal, que segundo Chomsky, esta gramática encontra-se em qualquer língua humana. No entanto, as duas abordagens coincidem sobre as perspectivas de fala vs performance, que constitui a materialização da língua humana.

Esta abordagem linguística Chomskyana trouxe novas questões sobre a língua, principalmente, sobre o funcionamento da língua na sociedade, o que levou a um número razoável de linguistas a procurarem construir as suas concepções sobre a língua em função da sociedade.

A partir destes pressupostos, Hudson (1980) descreve as posições de vários autores que se destacam, entre eles Hymes (1972) que considera a Competência Comunicativa, como o

conhecimento das regras abstractas de uma determinada língua para produzir os sons/significados correspondentes e habilidades de usar esses sons e significados em formas sociais e culturalmente apropriadas e aceites.

Wardhaugh (1992:1) considera a língua o que os membros de uma sociedade particular falam sob a perspectiva inclusiva envolvendo a fala e a sociedade. Uma definição claramente interaccionista que é referida por O'Grady, et al, (1996:1) também partilhada por Firmino, (2002:51).

Herculano Carvalho (1979:327) define a língua como uma entidade histórico-social que confere a unidade e a individualidade, onde a consciência dos sujeitos falantes não depende necessariamente do seu modo de falar e de mútua compreensão, mas pela sua tradição histórica, pelo reconhecimento de que esses diversos modos de falar pertencem a uma tradição linguística e cultural comum.

Olhando para estas definições pode-se entender que falar sobre o conceito de língua implica a observação dos contextos histórico-sociais que envolve os falantes e da existência de actuações sociais diferentes entre os falantes.

Com estas demonstrações pode-se compreender que *a definição de língua não é linear nem pacífica, predominam divergências de opiniões que se resumem em duas perspectivas: a linguística, onde a língua é definida e entendida como um conjunto de elementos estruturais e a perspectiva sociolinguística, que define a língua como um conjunto de variedades e diferenças de uso da mesma língua pelos seus utentes.* Feita esta explanação sobre definição da língua a secção a seguir fala sobre a Comunidade linguística.

2.3 Comunidade linguística

Esta secção apresenta diferentes abordagens teóricas sobre a comunidade linguística apresentadas por autores como: Romaine (2000:23), Hudson (1980:25) que fazem estudos comparativos de vários conceitos sobre a comunidade linguística a partir das posições de estudiosos como Gumperz (1962:8), Hymes (1972), Halliday (1972), Lyons (1970:326), Labov (1972), Robert Le Page (1968a), Dwight Bolinger (1975), entre outros.

No entendimento de Romaine (2000:23), a comunidade linguística é um grupo de pessoas que não partilham necessariamente a mesma língua, mas partilham as normas de uso dessa língua e a interacção entre as comunidades é essencialmente social e não linguística.

Sobre a comunidade linguística mereceu a apreciação nesta pesquisa o trabalho de Hudson (1980:25), porque apresenta o pensamento de vários autores que procuram dar a resposta do conceito da comunidade linguística.

Citando Lyons (1970:326), Hudson (1980:25) enquadra a comunidade linguística numa perspectiva estruturalista, ao referir que “... a comunidade linguística, são todas as pessoas que usam uma determinada língua ou dialecto”.

Por outro lado, ao citar Hockett (1958:8), Hudson (1980:26) integra a comunidade linguística numa perspectiva de autonomia linguística, ao considerara que “...cada língua define a sua comunidade linguística através de todas formas de comunicação directa ou indirecta por via de uma língua comum”. Para Hudson (1980:26) esta definição é semelhante à que foi dada por Bloomfield (1933:42), que refere a comunidade linguística como um grupo de pessoas que interage entre si através do meio de fala.

Continuando com as suas observações, Hudson (1980:26) citando Gumperz (1962:8), considera a comunidade de fala um grupo social monolingue ou multilingue ligado através da

frequência da interacção social, onde qualquer acordo humano é caracterizado por interacção regular ou frequente. O autor refere-se a existência da comunidade linguística como o resultado de acordos no uso dos elementos da língua, através de participação na partilha das normas que se observam através dos comportamentos dos indivíduos.

Citando Hymes (1972) e Halliday (1972), Hudson (1980:26) considera a comunidade de linguística um grupo de pessoas que partilham normas e conhecimentos abstractos de variação da língua.

Sobre a comunidade linguística, Hudson (1980:26) vê nas definições de Labov (1972) e Robert Le Page (1968a) como a capacidade que cada usuário tem de se integrar no grupo “...cada indivíduo cria um sistema para o seu comportamento verbal de modo a se colocar no/s grupo/grupos pelo qual se identifica de tempo a tempo, para lhe permitir identificar o grupo, ter oportunidades e habilidades de observar e analisar os seus sentimentos comportamentais, ter uma motivação forte para decidir a sua escolha e adaptar a acomodação do seu comportamento e ser capaz de adaptar o seu comportamento”.

Hudson (1980) citando Dwight Bolinger (1975) que cita Labov (1972) apresenta uma definição que se aproxima à definida por Le Page (1968a) e não concordam sobre a existência de limites de variação linguística numa comunidade, porque considera as variações como meios de um ser humano, que lhe permitem ligar entre si na procura de sua autoidentificação, socorros, vantagens, adoração entre outros.

Estes pressupostos mostram-nos as tentativas para encontrar uma definição adequada de comunidade linguística. Essas tentativas segundo Hudson (1980), criam problemas dentro da comunidade relacionados com:

- a) Com a existência de grupos ou de falantes que podem ficar de fora devido a falta de clareza na definição dos limites desses grupos ou de falantes; e

- b) A probabilidade de não existência de uma comunidade linguística como tal senão protótipos que estão nas mentes das pessoas.

Neste estudo, a posição assumida em relação as diferentes abordagens teóricas sobre a Comunidade linguística é aquela que se enquadra na perspectiva interaccionista, onde os indivíduos constituem o centro da comunidade linguística, resultante das diferentes motivações que podem ser culturais, políticas, religiosas, económicas, sociais, entre outras, que procuram delimitar e caracterizar os falantes de uma língua em relação a outra através das suas diferentes maneiras de fala. A seguir vamos apresentar as diferentes tentativas teóricas sobre a variação linguística.

2.4 Variação linguística

Em relação à variação linguística, neste estudo foram consideradas as ideias apresentadas pelos seguintes autores: Herculano Carvalho (1979:297), Wardhaugh (1987:6) e Garmadi (1983:88).

Herculano Carvalho (1979:314) define as variações geográficas e socioculturais como variações sincrónicas que ocorrem num mesmo plano temporal horizontal, em oposição às variações diacrónicas, que ocorrem num plano temporal variável, o que implica a variação da língua ao longo do tempo. Na variação sincrónica incluem-se ainda as variações estilísticas, pensamento que é partilhado por Wardhaugh (1987:6), que considera as variações estilísticas como um processo de alternâncias que os interlocutores apresentam na sua interacção.

Para Wardhaugh (1987:6), as variações podem ser tipificadas em *estilo*, que se caracteriza pelo uso particular da língua pelo mesmo indivíduo para se adaptar às diferentes circunstâncias tais como: ocasiões cerimoniais, momentos formais ou informais. Falando sobre o *estilo*, Carvalho (1979:304) subtipifica-o em *estilo coloquial*, quando é usado em ocasiões informais e em *estilo reflectido*, quando é usado de acordo com as regras da gramática normativa.

Falando sobre o registo, Garmadi (1983:88) considera o registo *simples*, que se caracteriza pela predominância dos itens linguísticos de uma variante particular A em detrimento de outras variantes B, C, D durante a interacção social e o registo *composto*, caracterizado pelo uso de itens linguísticos a partir de diferentes variantes A, B, C, D, o que pressupõe que as variações linguísticas estão associadas com o saber linguístico dos sujeitos falantes que não é e nunca pode ser idêntico dentro de uma comunidade linguística. Sobre o saber linguístico Herculano Carvalho (1979:316), afirma ser um fenómeno que ocorre em simultâneo no individual e no interindividual e é sistematicamente actualizado nos actos de fala de cada sujeito.

Atendendo que o conceito variação linguística não está dissociado do conceito comunidade linguística, vamos a seguir apresentar o percurso de estudos sobre a dialectologia nos diferentes países, com vista a chegar às pesquisas sobre a comunidade e a variação linguísticas.

2.5 Caminhos percorridos na pesquisa da dialectologia

Nesta secção foram trazidos estudos que mostram a trajectória das pesquisas sobre a dialectologia ao longo do tempo. Assim, foram consideradas as abordagens teóricas dos seguintes autores: Cardoso (2001), Wenker (1881), Gilliéron e Edmont (1887), Jud e Jaberg (1928), Hans Kurath (1939-1943), Harald Thun (1989), Rossi (1963), Adolfo Elizaincín e Harald Thun (1989).

Cardoso (2001) mostra a historicidade de estudos de dialectologia cujos estudos iniciaram no século XIX, principalmente no continente Europeu e identifica dois momentos que marcaram o estudo da dialectologia:

- a. O primeiro, marcado por Wenker (1881) marcado pelo trabalho de levantamento de dados da realidade alemã, documentando 40.736 localidades num total de 44.251 respostas. Esse trabalho permitiu perceber os dados e factos linguísticos das distintas regiões da Alemanha em registos documentais. Falando sobre estes dados Cardoso (2001) considera-os de dados revestidos de falta de controlo de variáveis socioculturais dos informantes e apresentam dificuldades metodológicas, por terem sido colectados por correspondência, o que implica, a ausência de um contacto entre o investigador e os informantes, o que impossibilita o pesquisador a observar as implicações no tratamento de informações fonéticas;
- b. O segundo momento foi de Gilliéron e Edmont (1887), através de um trabalho de recolha sistemática de dados, que resultou na elaboração do *Atlas Linguistique de la France*, tendo-se baseado no estudo dos dialectos na sua concepção, entre os actos de civismo que constituem a atribuição obrigatória do próprio exercício de cidadania.

Embora o objecto desses estudos fosse o mesmo, Cardoso (2001) considera que os dados dos trabalhos de Wenker (1881) e de Gilliéron (1887) diferem nos métodos adoptados por estes para a obtenção dos dados. Contudo, Cardoso (2001) reconhece estes estudos deram um grande incentivo aos investigadores da época. Pois, a partir dos trabalhos de Wenker (1881) e de Gilliéron (1887) que inspiraram autores como Jud e Jaberg (1928), que compilaram o *Atlas Ítalo-Suíço*, dando primazia aos aspectos etnolinguísticos, etnográficos ou antropogeográfico, envolvendo a participação de informantes diversificados não apenas em idade, no sociocultural, na instrução e género.

Ainda na Europa, estudos geolinguísticos continuaram a ganhar campo, com destaque nos anos 1931-1936, quando Dom Tomas Navarro desenvolveu na Península Ibérica, inquéritos de mapeamento de línguas aí existentes, que resultou na produção do *Atlas Linguístico da*

Península Ibérica. Primeiramente tratava apenas de dados da língua Espanhola, mais tarde, entre os anos de 1953-1954, Aníbal Otero fez também um inquérito no território português, o que veio completar deste modo, a rede geral galego-português, com a sua publicação no ano de 1962.

O *Atlas Galego-Português* é considerado como extrapolante, devido o carácter de apresentar dados que ultrapassam as fronteiras político-geográficas. Segundo Cardoso (2001), o trabalho galego-português trouxe uma nova perspectiva na recolha de dados, por apresentar um estudo aperfeiçoado com dados que expressam uma forma qualitativa de investigação e envolveu uma equipa de investigadores da área.

Enquanto nos países Europeus registavam avanços significativos no estudo da dialectologia, nos Estados Unidos da América e Canadá desenvolviam o trabalho de mapeamento das línguas existentes nesses territórios, com destaque para Hans Kurath (1939-1943), que resultou na elaboração do *Linguistic Atlas of the United States and Canada*. Esse estudo trouxe grande contributo metodológico no estudo da dialectologia, com uma abordagem integrante dos informantes no seu contexto geográfico e sociológico, (Cardoso, 2001).

Ainda nessa era, enquanto se desenvolviam na Europa e nos Estados Unidos da América e Canadá, estudos semelhantes eram realizados no Brasil, com destaque no trabalho relacionado com a geografia linguística de Nelson Rossi, que resultou na elaboração do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), publicado em 1963.

A partir do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, nas 3 décadas subsequentes de 70, 80 e 90 foram desenvolvidos diversos estudos geolinguísticos, contemplando as diferentes partes do território Brasileiro, dedicados à produção de atlas linguísticos, onde aparecem diversos atlas, entre eles: o *Atlas Linguístico de Sergipe*, ALS (1987), realizado por um grupo de investigadores de Bahia, entre eles, Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Vera Rollemberg e Nelson Ribeiro; o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas*

Gerais, EALMG, (1977), da autoria de José Ribeiro, Mário Zágari José Passini e António Gaio; o *Atlas Linguístico da Paraíba*, ALPb, (1984), elaborado por Maria de Socorro Silva e Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes e o *Atlas Linguístico do Paraná*, ALPr, (1990-1994) de autoria de Vanderci de Andrade Aguilera.

Ainda no Brasil, foram elaborados por diversos pesquisadores atlas linguísticos de carácter regional, nomeadamente: o *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul*; o *Atlas Linguístico Etnográfico dos Pescadores do Rio de Janeiro*; o *Atlas Linguístico de São Paulo*; o *atlas Linguístico do Ceará*; o *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*.

Todo esse conjunto de atlas regional vem-se juntar ao *Projecto Atlas Linguístico do Brasil – Projecto ALiB* que teve seu início em 1996, lançado no seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, um projecto que se associa a ideia de um *Atlas Linguístico Geral do Brasil* lançado em 1952.

Enquanto no Brasil desenvolviam estudos de mapeamento dialectológico, no Uruguai, realizavam trabalhos similares, através de Adolfo Elizaincín e Harald Thun (1989), onde elaboraram o *Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai*.

No que concerne aos procedimentos metodológicos aplicados nessas pesquisas, de uma forma geral, Cardoso (2001) considera haver em comum uma metodologia de fidelidade aos princípios de geográfica linguística, com a mínima diferença no controlo de variáveis sociolinguísticas.

Todos os trabalhos realizados mostram-se preocupados com a identificação das diferenças espaciais dos dialectos, priorizando o método de recolha in-loco dos dados, para encontrar elementos etnográficos complementares aos dados linguísticos, assim como, inserção de variáveis sociais nos critérios de escolha dos informantes, capazes de tornar mais explícitas as relações língua e sociedade.

Sobre a trajetória de estudos da dialectologia, Rossi (1963), define-a como uma ciência eminentemente contextual, porque estuda os factos apurados num ponto geográfico ou numa área geográfica, só ganham luz, força e sentido na medida em que se preste ao confronto com os factos correspondentes, ainda que por ausência, em outro ponto ou em outra área.

Na França por exemplo, foram realizados trabalhos do que culminaram a elaboração do *Nouvel Atlas Linguistique de la France*, de Albert Dauzat, baseado em regiões; o *Atlas Linguistique et Ethnographique de la Gascogne*, de Jean Séguy; o *Atlas Linguistique et Ethnographique du Lyonnais*, de Gardette e o *Atlas Linguistique et Ethnographique de Massif Central*, de Pierre Nauton.

Entre os Atlas acima mencionados, Rossi considera o *Nouvel Atlas Linguistique de la France*, de Albert Dauzat, aquele que atçou maior discussão sobre a questão de atlas nacionais e regionais no Brasil. Na opinião de Rossi, o atlas nacional e regional precisam ainda de uma atenção cuidadosa e evitar que os conceitos nacionais e regionais em Geolinguística não sejam confundidos com espaços políticos e administrativos, estes conceitos devem ser entendidos nos contextos histórico-linguístico, para permitir levantamentos sistemáticos, não em função de uma unidade político-administrativa autónoma, mas em função de toda a área ocupada por um mesmo sistema linguístico, com total indiferença pela ocorrência de fronteiras políticas e administrativas.

Enquanto se desenvolviam estudos dos dialectos das línguas Europeias e Americanas, em África a situação era outra, neste continente os trabalhos cingiam-se mais na identificação e mapeamento das línguas existentes realizados e apresentados em relatórios pelos funcionários público e missionários religiosos que se deslocavam e trabalhavam nos diferentes territórios colonizados.

No que se refere os estudos dialectais nesta época, foi notório o relatório sobre *“a unificação dos dialectos do Shona”*, um trabalho muito apurado, de Clemente M. Docke, M.A. E D. Litt

de 1931, que apresenta a divisão da língua interna da Shona no seu contexto linguístico e geográfico.

Outros estudos como do Bleek (1862, 1969), Meinhof (1910) e Guthrie (1967-71) forma também realizados num contexto das línguas africanas no geral centrado se no grupo das línguas bantu estudando-as numa perspectiva comparativa, o que permitiu-lhes a traçar linhas fronteiriças de classificação destas línguas com base na sua distribuição no espaço geográfico e na sua semelhança fonética-fonológica.

Nesta época em Moçambique foi notório o trabalho dos missionários católicos ao identificarem os grupos étnicos linguísticos e mapeamentos populacionais relacionados com a expansão das missões católicas, arquidiocese, diocese e o protestantismo: Anuário Católico de Moçambique de 1960; A gramática de Língua Macua, pela Sociedade Portuguesa das Missões Católicas em 1960 e o Atlas Missionário Português de 1962, (Atlas Missionário Português, 1962).

Foram também realizados trabalhos de mapeamento dos grupos étnicos pelo governo colonial, tais como, o Estatuto do Direito Privado dos Indígenas da Colônia de Moçambique em 1946; Agrupamento e Caracterização Étnica dos Indígenas de Moçambique em 1958; o Atlas de Moçambique de 1960 e o Atlas de Portugal Ultramarino e das Grandes Viagens Portuguesas de Descobrimento e Expansão de 1948, (Atlas Missionário Português, 1962).

Depois da independência nacional, em Moçambique foram realizados o primeiro, segundo e terceiro censos da população nos anos de 1980, 1997 e 2007, onde aparecem todos grupos étnicos linguísticos. Por outro lado, a nível académico, o Núcleo de Estudos das Línguas Moçambicanas publicou sucessivamente o primeiro, segundo e terceiro relatórios sobre a padronização das línguas Moçambicana, nos anos de 1989, 1997 e 2011, onde espelham todas as línguas e as respectivas variações.

A partir destas informações são notórios os passos que foram dados ao nível universal, da Africa e nacional em direcção aos estudos geolinguísticos, principalmente, nos últimos 50 anos do século XX, através de pesquisas de campo, na elaboração e publicação de atlas, que reflectem os diferentes níveis territoriais, em especial nos países da Europa e da América, oferecendo grandes contribuições sobre as metodologias para o desenvolvimento de estudos dialectais.

2.6 Antecedentes teóricos dos estudos sociolinguísticos

No início do século XX, os estudos relacionados com o contexto social da língua desenvolveram-se sob influência da Antropologia, onde a cultura e sociedade são considerados fenómenos inseparáveis. Desta forma, linguistas e antropólogos trabalham lado a lado e, mesmo, de modo integrado (Alkmim, 2001:29).

Esses estudos passaram a subsidiar os estudos linguísticos e a área da dialectologia começa a desenvolver-se gradativamente, até quando, a partir da década de sessenta, surgem os primeiros trabalhos sociolinguísticos, sob a influência de Labov, ainda fortemente relacionados com conhecimentos fornecidos pela dialectologia.

Com o desenvolvimento de seu trabalho, Labov (1972), ao correlacionar linguagem e sociedade em seus diversos estudos sobre variação linguística, trata das atitudes dos falantes sob vários prismas, conferindo-lhes sempre um papel determinante na diferenciação social da linguagem e no curso das mudanças linguísticas.

Nesta perspectiva laboviana, Hudson (1980) fala sobre a diferença entre a Sociolinguística das outras disciplinas afins como, a Sociologia da Linguagem ilustrando a possibilidade que o investigador tem de interessar-se pela linguagem ou pela sociedade de acordo com sua maior ou menor habilidade em analisar estruturas linguísticas ou sociais.

Esta pesquisa assenta-se no pressuposto de análise da linguagem em seu contexto social, pela sua abrangência de ir para além dos limites da realização linguística, pois o fenómeno da linguagem em suas relações com os factores sociais apresenta várias faces e o estudo desse fenómeno, como parte da cultura de um povo, é um dos objectivos dos estudos linguísticos.

CAPÍTULO 3. QUADRO TEÓRICO

3.1 Atitudes linguísticas

Este estudo assume a abordagem teórica da sociolinguística sobre as atitudes linguísticas referida por Appel & Muysken (1987), segundo a qual, as atitudes linguísticas são representações da língua e fazem parte do objecto da sociolinguística, que estuda os sentimentos dos falantes a respeito de factos linguísticos normalizados, ou de suas variedades, analisa as imagens recíprocas de línguas em contacto e sua incidência sobre a evolução desse contacto. Além disso, trata com propriedade as atitudes, preconceitos, estereótipos, ou seja, as representações sociolinguísticas, as quais são inseparáveis de uma linguística de usos sociais em situações de consenso ou de conflito; analisa, portanto, as dinâmicas linguísticas e sociais.

As atitudes linguísticas são entendidas como a interacção entre o uso da língua e a organização do comportamento social, razão pela qual impulsiona o estudo da sociologia da linguagem, incluindo não só o uso da língua mas também atitudes e comportamentos abertos a respeito da língua e de seus usuários.

A esta linha de pesquisa pode-se acrescentar a definição de marcação de papéis sociais, atitudes sobre diferentes línguas e variedades de linguagens, que reflectem percepções de pessoas em diferentes categorias sociais e como tais percepções influenciam a interação no interior ou fora das fronteiras de uma comunidade de fala.

Appel & Muysken (1987), citando Fasold (1984:147-148), afirmam que as principais teorias desenvolvidas sobre as atitudes linguísticas estão relacionadas com às visões *mentalista* e *behaviorista*. A visão mentalista concebe uma atitude como uma intervenção variável a um estímulo e uma resposta, nesta perspectiva uma atitude é constituída das subpartes cognitiva, afectiva e conectiva. A visão behaviorista considera o facto de as atitudes apresentarem comportamentos ou respostas a uma dada situação; assim as atitudes estão presentes nas respostas dadas a partir de comportamentos ou a certas situações. Estes autores acrescentam que as pesquisas sobre as atitudes têm contribuído amplamente para o estudo da estrutura social, incluindo a língua como marcador de etnicidade e diglossia. Neste caso, atitude linguística pode ser entendida como parte do sistema ideológico que serve para organizar e relacionar valores e crenças e comportamento a um conjunto de julgamentos ético e estético. (Fasold, 1984, p. 176).

Parcero (2007), citando Saville-Troike (1989, p. 180), caracteriza os estudos sobre as atitudes linguísticas com a finalidade de:

- Explorar as atitudes gerais sobre a linguagem e as habilidades da linguagem (quais as línguas ou variedades são melhores que outras, para qual conceito de padrão (literacy) é avaliado);
- Explorar as impressões estereotipadas sobre a linguagem, seus falantes e suas funções;

- Focalizar interesses sobre aplicações (ex. escolha e uso da língua e aprendizado da língua).

O estudo das atitudes é importante para a sociolinguística, uma vez que pode prever um dado comportamento linguístico na escolha de uma língua particular em comunidade multilingue, lealdade, língua de prestígio entre outras. Atitude é um dos conceitos básicos da psicologia social; pode ser definido como uma disposição mental para algo e indica o que estamos preparados para fazer internamente, pelo menos e age como uma ponte entre opinião e comportamento.

Por conseguinte, o processo de estereotipar envolve ‘uma crença’ exagerada associada a uma categoria, cuja função é justificar, em outras palavras, racionalizar determinada conduta em relação a uma categoria. Tendo em vista suas conotações e consequências negativas, pode-se afirmar que estereótipos não se fundamentam na realidade observável. Sobre este tipo específico de estereótipo, ainda Parcero (2007) citando Saville-Troike (1989) assegura que não está associado a traços observáveis, mas que se constitui de uma negação de valores atribuídos ao grupo que é estereotipado. Neste caso, os traços atribuídos não são específicos da língua ou da cultura do grupo alvo, mas tendem a ser iguais para todos os outros.

Fazer julgamentos a respeito das pessoas de acordo com suas características linguísticas, é uma forma comum de estereotipar, a mudança de um traço da língua, em determinadas circunstâncias se torna muito sensível, denunciadora de suas raízes. Os estereótipos evidenciam pontos importantes para o estudo dos juízos de valor e atitudes em uma comunidade de fala; sua identificação pode ser útil, uma vez que permite um trabalho de descrição etnográfica, conjugando aspectos tais, como: dimensão das atitudes linguísticas que foram parte da descrição; interpretação das condutas comunicativas sócio-culturais, e fidelidade dos dados observados.

Para Parceró (2007), as atitudes linguísticas e, portanto, as representações da língua se constituem em uma categoria das representações sociais, noção central da psicologia social, desenvolvida por Moscovici (1961). Seu estudo abriu espaço para substituir um conceito teórico abstrato – o da representação social – pela análise de um objecto real, a partir do qual se pode tentar a construção de um modelo teórico geral e confere às representações sociolinguísticas um tratamento dinâmico da língua na prática social. Para ele a língua, o dialecto ou o sotaque constituem objecto de representações mentais, de actos de percepção e de apreciação de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem seus interesses e pressupostos. Estas abordagens mostram-nos que as atitudes linguísticas são os juízos de valores e crenças que os falantes têm de emitir sobre a variedade de fala em relação aos outros grupos, que se manifestam de forma positiva ou negativa pelos falantes sobre a fala dos outros indivíduos e sobre a sua própria fala, o que influencia decisivamente nos processos de variação e de mudança linguística das comunidades de fala, onde uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente fazendo com que certos contextos predominem o uso de uma língua em detrimento de outra.

CAPÍTULO 4. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

4.1 Introdução

Neste capítulo apresentam-se os procedimentos metodológicos usados na recolha de dados do nosso estudo que são (i) a pesquisa documental e (ii) a entrevista individual.

4.2 Pesquisa documental

A análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja completando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema, (Ludke e André, 1986).

Para esta pesquisa foram consultados os seguintes documentos:

- a) *I Relatório Nacional de Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas*
(NELIMO 1989);

- b) *II Relatório Nacional sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas (NELIMO 1997);*
- c) *III Relatório Nacional sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas (2011).*
- d) *Bukhu ya Kupfundzisa Malembero a Cisena/livro (ensino da Ortografia da Língua Sena (NILS, 1998);*
- e) *Dicionário Cisena-Português (Simbe, 2004);*
- f) *Empréstimos Lexicais do Português no Cisena (Artur, 2006);*
- g) *Cisena 100 anos depois (Alfândega, 2009);*
- h) *Morfologia verbal em Cisena (Primeiro, 2010);*

A análise documental permitiu ao pesquisador conhecer o que anteriormente foi escrito sobre esta matéria e facilitar a sua análise comparativa e identificação dos principais pontos de divergências. Este conhecimento apoiou-nos a escolher e elaborar uma gama de perguntas que foram utilizadas nas entrevistas, o que facilitou a recolha de sensibilidades dos falantes sobre as variações documentais, que constituiu elemento básico de percepção das atitudes linguísticas.

4.3 Entrevista

A entrevista é entendida como uma conversa entre duas ou mais pessoas (o entrevistador e o entrevistado) onde as perguntas são feitas pelo entrevistador, esperando que o entrevistado esteja contextualizado sobre a matéria que se pretende. Neste trabalho, a entrevista teve dois objectivos:

a) *Recolher as sensibilidades dos falantes sobre as variações referidas nos estudos documentais de Cisena;*

b) *Compreender o comportamento dos falantes sobre os principais aspectos que caracterizam essas variações, que podem constituir pontos de inclusão ou estigmatização dentro da comunidade.*

As entrevistas recorreram a um conjunto de perguntas que possibilitaram aos entrevistados falarem das suas experiências, seus saberes, suas crenças, seus valores e um amplo conjunto de informações que foram necessárias para análise e interpretação de dados e foram ministradas a 20 informantes, num período de 60 dias, nas cidades da Beira e Maputo e nos distritos de Makossa, Caia, Mutarara, Mopeia, respectivamente. Com informantes que vão entre 20 aos 72 anos de idade, integrando académicos, jornalistas (2), estudantes (2), comerciantes (1), pastores (5), agricultores (4), guardas (2), motoristas (1), gestores dos recursos humanos (1) e reformados (2), conforme ilustra a tabela 1.

Tabela 1- Extractos sociais dos informantes

Locais	Extractos sociais dos informants									
	Jornalistas	Estudantes	Comerciantes	Pastores	Agricultores	Guarda	Motoristas	Gestores	Reformado	Total
Beira	1	1		2		1			2	7
Maputo	1			1				1		3
Makossa		1			1					2
Caia			1		1					2
Mutarara				1	1		1			3
Mopeia				1	1	1				3
TOTAL	2	2	1	5	4	2	1	1	2	20

Nesta amostra, o número maior dos entrevistados foi de pastores, devido o seu constante contacto com os fiéis, estão expostos a pessoas de diferentes origens da comunidade linguística Sena. O segundo grupo maior dos entrevistados foi de agricultores, ao contrário

dos pastores, este grupo têm uma tendência de permanecer por longo tempo nas regiões de origem, isto permitiu a confirmação de algumas expressões linguísticas.

As entrevistas foram gravadas em formato digital, para permitir a sua conservação e consultas posteriores e em seguida foram codificadas e armazenadas em CD para facilitar uma rápida consulta. Para garantir a confidencialidade e a boa reputação dos nomes dos entrevistados, na apresentação e análise de dados desta pesquisa foram usados nomes fictícios.

CAPÍTULO 5. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

5.1 Introdução

Este capítulo divide-se em duas partes essenciais (i) a apresentação e análise dos dados documentais e (ii) a apresentação e descrição das sensibilidades dos entrevistados sobre as variações do Cisená.

Assim, vamos descrever os resultados que foram obtidos nas diferentes etapas de pesquisa, começando pelos dados documentais sobre as variantes de Cisená.

5.2 Dados documentais sobre variações de Cisená

Um aspecto essencial deste estudo é descrever atitudes linguísticas dos falantes de Cisená em relação às variações apresentadas nos diferentes estudos documentais; a pesquisa documental que procedemos consistiu na busca e leitura de vários estudos que versam sobre as variações do Cisená, apesar de se reconhecer a sua insuficiência, pois nenhum dos trabalhos identificados tem o objectivo de fazer o estudo específico de variação dialectal.

Olhando para os dados documentais podemos compreender que o marco importante sobre os estudos de variações das línguas moçambicanas deu-se na década de 80, com a realização do I Seminário Nacional de Padronização das Línguas Bantu Moçambicanas, organizado pelo NELIMO, Universidade Eduardo Mondlane. Para a língua Sena, as duas décadas subsequentes, de 90 e 2020 foram de trabalhos intensos de muitos pesquisadores que apresentaram suas propostas sobre as variações desta língua. A análise dessa literatura, deu-nos a seguinte visão sobre as variações de Cisená que podem ser resumidos na tabela 2:

Tabela 2 – Classificação das variações da língua Sena segundos os estudos documentais

AUTORES	VARIANTES											11
	Tonga	Phodzo	Care	Bangwe	Gombe	Lolo	Gorongozzi	Caia	Rhumbala	Balke	Ciringoma	
NELIMO (1989)	X	X	x	x	X	x	-	-	-	-	-	6
NILS (1998)	X	X	x	x	X	x	-	-	-	-	-	6
NELIMO (1997)	X	X	-	x	X	-	x	x	-	-	-	6
Simbe (2004)	X	X	-	x	X	-	-	-	x	-	-	5
Artur (2006)	X	X	x	x	-	x	x	-	-	x	x	8
Alfândega (2009)	X	X	x	x	-	x	x	-	-	x	x	8
Primeiro (2010)	X	X	x	x	-	x	x	-	-	x	x	8
NELIMO (2011)	X	X	-	x	X	-	x	x	-	-	-	6

Fonte: NELIMO (1989; 2000, 2011); NILS (1998); Simbe (2004); Artur (2006); Alfândega (2009), Primeiro (2010)

Considerando os dados da tabela 2, percebe-se que as variações *Tonga*, *Phodzo* e *Bangwe* nutrem um consenso sobre a sua existência em Cisena e é mencionada por todos os estudos documentais referentes à língua Sena. Porém, as outras variações não são reconhecidas por todos autores, são os casos:

- a) Cale, Lolo, Gombe e Gorongozzi, reconhecidas em cinco estudos;
- b) Balke e Ciringoma reconhecidas em três estudos;
- c) Caia em dois estudos;
- d) Rhumbala em um estudo, respectivamente.

Notamos também que os estudos realizados nas décadas de 80 e 90 coincidem em número das variações em (6) sendo: Tonga, Phodzo, Care, Bangwe, Gombe e Lolo, o que não se verifica nos estudos do primeiro quinquênio da década de 2010.

Ao Contrário dos estudos do segundo quinquénio da mesma década de 2010 que são unânimes ao reconhecerem as 8 variações, Tonga, Phodzo, Care, Bangwe, Lolo, Gorongozi, Balke e Ciringoma.

- a) Entretanto, os relatórios do NELIMO, (1989), (1997) e (2011), apresentam dados diferentes, como podemos ver na tabela 2 acima em 1989:
- b) Em 1989, NELIMO identificou as variações Tonga, Phodzo, Care, Bangwe, Gombe e Lolo;
- c) Em 2000, apresentou as variações Tonga, Phodzo, Bangwe, Gombe, Gorongozi e Caia;
- d) Em 2011 identificou Tonga, Phodzo, Bangwe, Gombe, Gorongozi e Caia.

Os dados de 1997 e de 2011 são semelhantes, mas excluem o Care e Lolo que no relatório do NELIMO 1989 são considerados como variações do Cisená. Por outro lado, foram identificadas as variações s Gorongozi e Caia. Portanto, nota-se a falta de coerência de dados, salvo os casos em que os estudos se destinavam aa obtenção de um grau académico.

Os relatórios do NELIMO, por exemplo, foram recolhidos e deliberados em reuniões e seminários realizados em Maputo, razão pela qual, alguns destes não explicam a exclusão ou inclusão desta ou daquela variação.

Este procedimento é confirmado por Cellard (2008), ao afirmar que “não se pode pensar em interpretar um texto, sem ter previamente uma boa identidade da pessoa que se expressa, de seus interesses e dos motivos que a levaram a escrever, e a questão fundamental que o autor coloca é se: “esse indivíduo fala em nome próprio, ou em nome de um grupo social” e

acredita ser bem difícil compreender os interesses de um texto, quando se ignora tudo sobre aquele ou aqueles que se manifestam, suas razões e as daqueles a quem eles se dirigem.

Atendendo que esta etapa de análise de dados documentais propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenómenos linguísticos é condição necessária que os factos sejam mencionados, pois constituem os objectos de qualquer pesquisa desta natureza, segundo a qual, os dados documentais não existem isoladamente, mas precisam ser situados em uma estrutura teórica para que o seu conteúdo seja entendido.

Com isso, podemos aferir que todas as dificuldades e contrariedade nos estudos documentais sobre as variações do Cisená, não significam que os seus dados não sejam fiáveis. Eles constituem um suporte que contem a informação registada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova.

Portanto, as divergências nos dados das variações do Cisená podem ter outras motivações, como as de origem comportamental, estigma entre outros, a razão desta pesquisa, que é a busca das atitudes linguísticas dos seus usuários.

Mesmo assim, podemos acreditar que o contexto histórico no qual foram produzidos estes documentos, o universo sociopolítico do autor e daqueles a quem foi destinado, seja qual tenha sido a época em que o estudo foi realizado influenciou na determinação das variações de Cisená.

Sobre o conhecimento linguístico dos falantes podemos também recorrer a abordagem de Herculano Carvalho (1979:297), quando menciona o factor geográfico, que resulta de comunidades geograficamente delimitadas dentro de outras comunidades extensas, que desenvolvem modos de actuação linguísticos diferentes, modos esses que os individualizam e os distinguem dos habitantes de outras regiões. O factor cultural, que resulta dos padrões culturais diferentes e determinantes na formação de comunidades distintas.

Para Herculano, *as variações geográficas e socioculturais usam as variações sincrónicas que ocorrem num mesmo plano temporal horizontal, em oposição às variações diacrónicas, que ocorrem num plano temporal variável, o que implica a variação da língua ao longo do tempo.*

Como referimos no capítulo das metodologias, a pesquisa documental é complementada pelo trabalho de campo, para ao vivo colher o pensamento dos falantes da língua Sena sobre o problema que foi identificado nos documentos. Assim, a seguir vamos descrever os resultados das entrevistas realizadas para este estudo.

5.3 Dados das entrevistas sobre as variações de Cisena

Nesta pesquisa as entrevistas tiveram a finalidade de recolher as sensibilidades dos falantes do Cisena sobre as variantes apresentadas nos estudos documentais que constituem o objecto deste estudo efectuados por alguns investigadores linguísticos. Assim, várias questões foram formuladas, entre elas, o conhecimento dos informantes sobre o espaço territorial coberto pela língua Sena; as diferentes regiões cobertas pelo Cisena falavam da mesma maneira a sua língua; o conhecimento sobre as variações dialectais apresentadas pelos estudos documentais, nomeadamente: Tonga, Phodzo, Care, Bangwe, Gombe, Lolo, Gorongozi, Caia, Rhumbala, Balke e Ciringoma; o conhecimento de algumas características específicas do Tonga, Balke, Cale, Bangwe e Phodzo; os traços linguísticos constituíam elementos de estigma entre os falantes de língua Sena; se há formas de falar que mais gostavam e, quais seriam as variações que podiam ser usadas por todos, entre outras.

Sobre a primeira questão que procurava *saber o conhecimento dos informantes sobre o espaço territorial coberto pela língua Sena*, as respostas dadas pelos entrevistados sobre esta questão levam-nos a apurar que Cisena cobre as regiões de Mutarara, Morrumbala, Caia,

Marromeu, Dondo, Nhamantada, Beira, Mopeia, Chinde, Tambara, Guro, Barwe e Makossa, Chemba, Maringué, Gorongosa, Cheringoma e Mwanza.

Os entrevistados mostraram ter o conhecimento das regiões cobertas pelo Cisena. Contudo, esse conhecimento não é linear, alguns pela sua experiência de deslocação conhecem mais regiões, principalmente os de sexo masculino. Enquanto os informantes do sexo feminino, (indicados pelas letras minúsculas na tabela), mostram ter pouco conhecimento das regiões em relação, como ilustra a tabela 3 a seguir.

Tabela 3 – Regiões cobertas pelo Cisena segundo os entrevistados

No	TERRITORIOS	INFORMANTES																			
		TA	fq	eb	AM	JN	ae	CM	ft	ab	JL	AJ	NM	ab	TR	FL	PS	xm	kt	GB	JH
1	Mutarara	x	x	x	x	x			x		x	x	x		x	x	x			x	x
2	Morrumbala	x						x			x	x			x					x	x
3	Mopeia	x			x			x			x	x			x		x			x	
4	Marromeu	x	x		x	x	x				x	x	x	x	x	x	x	x		x	x
5	Caia	x			x	x		x		x	x		x		x	x	x			x	x
6	Chemba		x	x				x	x			x	x		x	x	x			x	x
7	Maringué	x		x	x	x		x	x		x	x	x		x	x	x	x	x	x	x
8	Cheringoma							x	x		x	x	x	x							
9	Mwanza	x									x										
10	Dondo	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
11	Beira	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x		x	x
12	Nhamantada	x	x		x	x	x	x	x		x	x	x		x	x	x			x	x
13	Guro							x	x			x									
14	Tambara			x	x	x		x	x			x								x	x
15	Makossa								x		x		x		x	x		x		x	
16	Malawi				x			x													x
17	Outras	x		x				x			x		x	x		x		x		x	

Fonte: NELIMO (1989; 2000, 2011); NILS (1998); Simbe (2004); Artur (2006); Alfândega (2009), Primeiro (2010)

Legenda: (vide anexo 3)

Olhando para as respostas dadas na tabela 3, pode-se compreender que o conhecimento dos entrevistados sobre as regiões pesou sobre o factor género, onde as mulheres representadas na tabela pelas (iniciais minúsculas) mostraram ter pouco contacto com outras regiões justificando que tinham poucas oportunidades de deslocação em relação aos homens.

Um facto a realçar foi o de os entrevistados dizerem primeiro a região da sua origem, depois as restantes, principalmente aquelas com as quais tiveram o contacto directo ou as que foram visitadas pelos seus parentes. Jemusse Tambirani por exemplo, que nasceu em Makosa, mencionou Makosa, a região de sua origem, em seguida mencionou Guro e Tambara, as regiões vizinhas de Makosa. Disse ter visitado as regiões de Marromeu, Maringué, Caia e Beira onde teve contacto com pessoas que falam outras variações do Cisená.

Falando sobre a língua no espaço geográfico, podemos compreender três componentes importantes: de saber ou crer (componente cognoscitivo); de valorizar (componente afectivo); e conduta (componente conativo). O que significa que a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afectos e tendências diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística e cada um desses componentes representa na manifestação da atitude linguística do falante diante da fala do outro.

O componente cognoscitivo tem o maior peso sobre os demais por conformar em larga escala a consciência sociolinguística, uma vez que nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes: consciência linguística, crenças, estereótipos, expectativas sociais (prestígio, ascensão), grau de bilinguismo, características da personalidade, entre outros;

O componente afectivo por sua vez está alicerçado em juízos de valor (estima-ódio) acerca das características da fala: variedade dialectal, acento; da associação com traços de identidade; etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho e do sentimento de solidariedade com o grupo a que pertence;

O componente conativo reflecte a intenção de conduta, o plano de acção sob determinados contextos e circunstâncias.

Portanto, na nossa opinião é possível que a rápida identificação das regiões mais próximas em relação à do informante tenha a ver com a partilha de espaços geográficos e de tradições sócio culturais.

Indagou-se em seguida aos informantes se *as diferentes regiões cobertas pelo Cisena falavam da mesma maneira a sua língua*, a fim de perceber o conhecimento dos entrevistados sobre as suas variações. Sobre esta questão, os informantes responderam que estas regiões falavam a língua Sena mas de diferentes maneiras de pronúncias das palavras.

Assim, os entrevistados referiram que nas diferentes regiões onde se fala Cisena existem os falares do Care (c), Tonga (t), Balke (b), Bangwe (B), e Phodzo (p). A tabela 4 ilustra como os entrevistados distribuíram estes falares pelas diferentes regiões territoriais cobertas pelo Cisena.

Tabela 4 – A maneira de falar Cisena nos diferentes territórios segundo os entrevistados

No	TERRITÓRIOS	INFORMANTES																			
		TA	FQ	BC	AM	JN	AE	CM	FT	AB	JL	AJ	NM	AB	TR	FL	PS	XM	KT	GB	JH
1	Mutarara	c	c	c	c	c			c		c	c	c		c	c	c			c	c
2	Morrumbala	p						p			p		p		p				p		P
3	Mopeia	p			p			p			p		p		p		p			p	
4	Marromeu	p	p		p	p	p				p	p	p	p	p	p	p	p		p	P
5	Caia	t			t	t		t		t	t		t		t	t	t			t	t
6	Chemba		t	t				t	t			t	t		t	t	t		t	t	t
7	Maringué	t		t	t	t		t	t		t	t	t	t	t	t	t	t	t	t	t
8	Cheringoma							B	B		B	B	B	B							
9	Mwanza	B								B											
10	Dondo	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B		B	B
11	Beira	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B		B	B	B	B		B	B
12	Nhamantada	B	B		B	B	B	B	B		B	B	B		B	B	B		B	B	B
13	Guro							t	t			t									
14	Tambara			t	t	t		t	t			t							t		t
15	Makosa									b		b		b		b	b		b		
16	Malawi				c			c													c

Legenda: c= Care, t= Tonga, b= Balke, B= Bangwe, p= Phodzo; Fonte: entrevistados (2011/12)

A tabela 4 mostra-nos que os entrevistados não têm o conhecimento igual das diferentes maneiras de falar Cisena nos diferentes territórios cobertos por esta língua.

O informante Basikolo Camba, disse que; *“eu conheço as maneiras de falar o Cisena das diferentes regiões que são Care, Tonga e Balke, graças as minhas viagens que faz em muitas partes de Sena”*.

Fábia Quaresma disse que conhecia as maneiras de falar do Care, Tonga, Bangwe e Phodzo, tendo dado o exemplo da sua experiência conjugal, disse: “*o meu esposo fala o Cibalke que é diferente da minha, em algum momento ele usa palavras que eu não as entendo, isto porque eu sou tonga*”, ilustrando com exemplos de palavras, que achamos conveniente apresentar nos exemplos a seguir:

Exemplo 1. Diferenças das variações Tonga e Balke

- | | |
|-------------------------------------|------------------------------|
| a) (esposa) Atola nkhalikulu | ‘levou um pote grande’ |
| b) (FQ) Akwata nkhalikulu | ‘levou um pote grande’ |
| c) (esposa) Ife hatiponi na dzara | ‘nós não salvaremos de fome’ |
| d) (FQ) Ife nkhabepulumuka na njala | ‘nós não salvaremos de fome’ |
| e) (esposa) Bambo wanguyi alikupi | ‘onde está o meu pai?’ |
| f) (FQ) Baba wanga alikupi | ‘onde está o meu pai?’ |
| g) (esposa) Ndzara yaswika padziko | ‘a fome atingiu a aldeia’ |
| h) (FQ) Njala yafika padziko | ‘a fome atingiu a aldeia’ |

Nestes exemplos, notamos palavras inteiras e alguns sons que são específicos das variações. Na alínea a) a palavra *atola* na variação da esposa é na b) usada a palavra *akwata* que é a variação da Fábia Quaresma e significam em português o verbo *levar*. Entretanto, a palavra *atola* é usada na região de Makosa, cuja variação é b= Cibalke e a palavra *akwata* é usada nos restantes territórios cobertos por Cisená.

Outros exemplos demonstrados pela Fábia Quaresma foram das alíneas g) *ndzara yaswika* e h) *njala yafika* que significam (a *fome chegou*) em português. Na variação do esposo da Fábia Quaresma a palavra *ndzara* realiza-se com a nasal africada alveolar [ndz] e na variação da Fábia Quaresma realiza-se com a nasal oclusiva palatal [nj]. Nas mesmas palavras a segunda sílaba realiza-se na variação do esposo da Fábia Quaresma com a vibrante alveolar vozeada

[r] e na variação de Fábria Quaresma pronuncia-se a lateral alveolar [l]. Para o informante, estes e outros elementos linguísticos, constituem os traços que marcam as diferenças nas variações do Cisena.

A seguir procurou-se saber junto dos entrevistados em relação *ao conhecimento que tinham sobre as variações dialectais apresentadas pelos dados documentais, nomeadamente: Tonga, Phodzo, Care, Bangwe, Gombe, Lolo, Gorongosi, Caia, Rhumbala, Balke e Ciringoma*, com objectivo de perceber o seu grau de conhecimento e de aceitação destas variações pelos falantes do Cisena. E as respostas desta questão foi produzida a tabela 5, a seguir:

Tabela 5– Nível de conhecimento dos informantes em relação as variações documentais

No	Informante	Sexo	Idade	Variações documentais										
				Tg	Pz	Cr	Bg	Gb	Lo	Gr	Cai	Rh	Bk	Cg
01	TA	M	52	X	X	X	X						X	
02	FQ	F	41	X	X		X	X		X			X	
03	EB	F	35	X	X		X						X	
04	AM	M	56	X	X	X	X					X		
05	JN	M	72	X		X			X				X	
06	AE	F	64	X	X		X							
07	CM	M	55	X	X	X	X						X	
08	FT	F	37	X	X	X	X						X	
09	AB	F	45	X		X	X				X			
10	JL	M	51	X	X	X	X						X	
11	AJ	M	60	X			X						X	
12	AM	M	65	X	X	X	X							
13	AB	F	58	X	X		X						X	
14	TR	M	72	X		X	X							
15	FL	M	52	X	X		X	X					X	
16	PS	M	41	X	X	X	X							
17	XM	F	35	X	X		X	X					X	
18	KT	F	33	X	X	X	X						X	
19	GB	M	72	X	X	X	X				X		X	
20	JH	M	25	X	X	X	X			X			X	
TOTAL				20	16	12	19	3	1	2	2	1	19	0

Legenda: Cr= Care, Tgt= Tonga, Bk= Balke, Bg= Bangwe, Pz= Phodzo, Gb=Gombe, Lo=Lolo, Gr=Gorongosa, Cai= Caia, Rh= Rumbala Cg= Ciringoma; Fonte: entrevistados (2011/12) Legenda: (vide anexo 3)

Apreciando a tabela 5, pode-se ver que os 20 entrevistados não conheciam todas as variações apresentadas nos diferentes estudos. Jongwe Longalunga, por exemplo, disse que “reconhecia apenas as variações Tonga, Phodzo, Cale, Bangwe e Balke”; e segundo ele, “estas são conhecidas como variações fortes do Cisena, porque apresentam sotaques próprios que às identificam”. Para este entrevistados, “o Lolo não é variação do Cisena e devia ser considerada como uma língua a parte do Cisena”. Apoiando-se na sua experiência de tradutor da Bíblia Sena, afirmou que na altura que foram testar a versão de língua Sena naquela região, os nativos Lolos não compreendiam as palavras de Cisena. Para Jongwe Longalunga, o Gorongozi, Ciringoma, Gombe, Caia e Rhumbala são nomes de montanhas e margens dos rios e quando forem proferidos levam consigo um sentido depreciativo e pejorativo.

Outro entrevistado, Abel Jorge disse conhecer as variações Tonga, Phodzo, Cale, Bangwe, Lolo. Mas não concordava que os falantes do Sena fossem identificados pelas suas variações. Para Abel Jorge, todos deviam ser chamados por falantes do Cisena, porque tratar pelas variações criava o mau estar e provocava deprecições entres os falantes.

Olhando ainda os dados da tabela 5, percebe-se que os entrevistados conheciam as variações dos estudos documentais anteriores da seguinte forma: Tonga (20), Phodzo (16), Cale (12), Balke (14), Gorongozi (2), Ciringoma (0), Gombe (3), Caia (2), Lolo (1), Rhumbala (1) e Bangwe (19). Estes dados indicam que além das variações reconhecidas por todos estudos documentais Tonga, Bangwe e Phodzo, os falantes reconheceram também como de consenso as variações Care e Balke; e em relação as variantes Gombe, Lolo, Gorongozi, Caia e Ciringoma não tiveram a mesma aceitação.

Dada a natureza da resposta da pergunta acima, questionou-se aos informantes “se conheciam algumas características específicas do Tonga, Balke, Cale, Bangwe e Phodzo”, com objectivo de perceber se conheciam alguns traços específicos que caracterizam estas variações. Sobre esta pergunta, os falantes apresentaram vários exemplos que são característicos das variações

Tonga, Balke, Cale, Bangwe e Phodzo. Neste trabalho, para além de a maioria dos entrevistados terem apresentado os diferentes traços específicos destas variações, que provaram a existência das diferenças entre elas, selecionamos apenas alguns exemplos sendo um para cada variante linguística do Cisená.

Começando pelos traços da variação Care, tomamos os exemplos apresentados por Johane Honório, que nasceu em Mutarara. Para este, a característica do falante do Care é o uso de sotaque de uma criança, como ilustram os exemplos a seguir:

Exemplo 2 – Características específicas da variação Care

- a) Nkaji ajadya nchima na nchomba (Care) ´a mulher comeu a massa com peixe`
- b) Nkazi adzadya ntsima na ntsomba (SR) ´a mulher comeu a massa com peixe`
- c) Ndixalonga Cixena mwadidi mwene (Care) ´eu falo Cisená muito bem`
- d) Ndisalonga Cisená mwadidi mwene (SR) ´eu falo Cisená muito bem`

O exemplo em b) acima, os sons [z e dz] do Sená comum são pronunciados [j] na variação Care e o som [ts] do (SR) é realizado [ch] em Care. O que se verifica no caso a) e b) é a mudança de modos de articulação, onde a fricativa alveolar vozeada [z] e a africada vozeada [dz] passam para palatal vozeada [j] e africada palatal não-vozeada [ch] respectivamente.

Nos casos de c) e d), ocorre a mudança do ponto de articulação, onde a fricativa alveolar não-vozeada [s] torna palatal não-vozeada [x] em Care. Isto se deve à influência do Cicewa, a língua que faz fronteira com o Cisená no interior do Malawi. Mas, quando está na Igreja e outros ambientes, como na Beira, ele não usa o sotaque do Care, fala o Sená de Referência.

Em relação as características da variante Phodzo trouxemos exemplos apresentados dados por Artur Jorge, ele nasceu em Luabo, segundo este informante, quando fala com pessoas de

outras regiões do Sena sente muita diferença do seu Phodzo e, os exemplos a seguir ilustram o que apresentou:

Exemplo 3 - Características específicas da variação Phodzo

- a) Jinyumba jigulu jagwa (Phodzo) 'a casarão caiu`
- b) Cinyumba cikulu cagwa (SR) 'a casarão caiu`
- c) Dendeni digalime gumunda gwathu (Phodzo) 'vamos cultivar na nossa machamba`
- d) Tendeni tikalime kumunda kwathu (SR) 'vamos cultivar na nossa machamba`
- e) Iwe ngabe gubwelela lelo (Phodzo) 'tu não voltas hoje`
- f) Iwe nkhaba kubwerera lero (SR) 'tu não voltas hoje`

Os exemplos em 3 mostram que a maioria das variações do Sena, aqui identificadas por Sena de Referência (SR) ocorre as oclusivas tanto as vozeadas [b, d, g] e as não vozeadas [p, t, k]. Entretanto, na variação Phodzo em análise nesta secção, apenas ocorrem as vozeadas [b, d, g]. Olhando para as alíneas a) e b) podemos notar que a palatal não vozeada do Sena de Referência [c] realiza-se como uma aproximante palatal [j] e a velar não vozeada [k] materializa-se em mais voz [g] no Phodzo.

Nas alíneas c) e d) ocorre no Sena de Referência a oclusiva alveolar não vozeada [t] a realiza-se em mais voz [d] no Phodzo.

Nas alíneas e) e f) no Sena de Referência ocorrem o som lateral alveolar [l] e a vibrante [r]. Entretanto, no Phodzo ocorre apenas a lateral alveolar [l].

Em relação a variação Balke, foram tomados os exemplos da informante Eusébia Bakete, que nasceu em Makossa. Para esta informante, o Gorongozi e o Balke têm sons e palavras semelhantes e ambas recebem a influência do Cimanika, o que faz com destas variações

tenham muitas palavras desta língua. Como características específicas do Balke, foram apresentados exemplos seguintes:

Exemplo 4 - Características específicas da variante Balke

- | | |
|--------------------------------------------|-----------------------------|
| a) Mamuna uy <u>anawulyi</u> (Balke) | ´este homem é comilão caiu` |
| b) Mamuna uy <u>anawudyi</u> (SR) | ´este homem é comilão` |
| c) Padas <u>wika</u> iye pamudzipo (Balke) | ´quando chegou em casa` |
| d) Pida <u>fika</u> iye pamudzipo (SR) | ´quando chegou em casa` |
| e) Madzi woga <u>woga</u> (Balke) | ´tudo é água` |
| f) Madzi wo <u>khawokha</u> (SR) | ´tudo é água` |

Os exemplos em 4 mostram que no Sena de Referência existem os sons oclusivo alveolar semi-vocalizado [dy], lateralizado [ly], a fricativa lábio dental não-vozeada [f], fricativa alveolar semi-vocalizada [sw], a velar aspirada não-vozeada [kh] e a oclusiva vozeada [g]. Portanto, a variação Balke difere foneticamente das outras variações por seguinte:

1. Nos casos a) e b) nota-se que em vez de ocorrer a oclusiva alveolar semi-vocalizada [dy] a variante Balke tem apenas o som lateralizado [ly];
2. Em c) e d) ilustram a fricativa lábio dental não-vozeada [f] do Sena comum, que se torna fricativa alveolar semi-vocalizada [sw] no Balke e nas alíneas,
3. e f) a velar aspirada não-vozeada [kh] do Sena de Referência que passa para o vozeamento [g] no Balke.

Sobre a variação Bangwe, foram tomados os exemplos apresentados por entrevistado Tomé Renço, que nasceu na cidade da Beira, a prior disse que estava agastado pelas tendências da

variação Bangwe, porque tem muitos empréstimos do Cindau que deturpam o significado verdadeiro das palavras do Cisena, como ilustram os exemplos a seguir.

Exemplo 5- Características específicas da variação Bangwe

- | | | |
|----------------------------------|----------|---------------------------------------------------------|
| a) Ndinabwerabve | (Bangwe) | ´nunca voltarei mais` |
| b) Ndinabwera | (SR) | ´voltarei` |
| c) *Ndoko Kamubvunze kuti abwere | (Bangwe) | *´vai-o perguntar que volte`
´Vai-o dizer que volte` |
| d) Ndoko kampangé kuti abwere | (SR) | ´vai-o dizer que voltar` |

Olhando os exemplos 5 a) e b), a palavra *Kubwera* (vir) recebeu o morfema [bve] de origem Ndaú para se tornar numa negação. Segundo os informantes, o morfema [bve] tem origem no morfema [zve], predominante em Ndaú, que é o resultado da interacção dos falantes das línguas Sena e Ndaú.

Os exemplos 5 c) e d) a palavra *kubvundza* significa em Ndaú (dizer algo a alguém). A mesma palavra *kubvundza* significa (perguntar) em Cisena. Entretanto, os falantes do Sena-bangwe usam a palavra *kubvundza*, para (dizer algo a alguém), desempenhando as mesmas funções que são do Cindau, em vez de usar a palavra *kupanga*, que tem o sentido de (perguntar) em Cisena.

Os informantes disseram ainda que existiam muitas marcas de diferenças nas variações de Cisena, dando exemplos da presença de palavras numa determinada variação que não existe ou deixa de ser usada numa outra variação, dando exemplos de palavras como:

Exemplo 6- Algumas diferenças fonéticas das diversas variações do Cisena.

- | | |
|---------------------|----------|
| a) Bambayira | ´tonga` |
| b) Bambaiya | ´cale` |
| c) Bembeya | ´phodzo` |
| d) Bambaya | ´bangwe` |

Apesar de todas estas palavras, referem-se de um tubérculo (a batata-doce) que é muito produzido na comunidade Sena, nas variações há formas específicas de articulação que as identificam. Outro exemplo apresentado foi do exemplo 7 a seguir.

Exemplo 7- Algumas diferenças fonéticas e lexicais das diversas variações do Cisena

- a) **Mamanga** ˘Bangwe`
- b) **Phiramanga** ˘tonga cale, Phodzo`
- c) **Gwere** ˘balke`
- d) **Bonole** ˘Gorongozì`

Estas palavras significam (milho), um cereal também produzido na comunidade Sena. Neste contexto, quando estão reunidos falantes de diferentes variações do Cisena, é fácil notar que este e aquele pertencem ou não a mesma variação, daí os informantes considerarem “*haver palavras numa variação que não são encontradas nas outras*”. Estes e outros traços que levaram os informantes a identificarem as possíveis variações da Língua Sena e acreditarem na existência de formas específicas de pronúncia das palavras que identificam cada variação. Apoiando-se na teoria de Osgood (1949) citado por James, (1980) e (1988) sobre a transferência de erros de aprendizagem da língua podemos dizer que está a acontecer nas variações do Cisena, através da materialização fonética e lexicais diferentes. Contudo, fonologicamente estes sons ou palavras mantém as mesmas funções. O que pode ajudar a compreender a aplicação dos três paradigmas A, B e C apresentados por Osgood (1949) sobre análise contrastiva. Para esta pesquisa, o paradigma B é o mais apropriado, porque trata sobre a existência de duas ou mais variações da mesma língua que se contrastam em forma, mas a desempenhar as mesmas funções. Isto é, estímulos são iguais mas que recebem respostas diferentes, como podemos demonstrações no quadro de Osgood (1949) a seguir.

- R1 (Variação Care): **Jinyumba**
- a) **S1 (Casarão)**
- R2 (Sena de Referência): **Cinyumba**
- R1 (Variação Phodzo): **Gulima**
- b) **S1 (Cultivar)**
- R2 (Sena Referência): **Kulima**

Estes exemplos mostram que os fonemas [c, j] da alínea a) [k, g] da alínea b) são diferentes na sua forma, mas desempenham a mesma função, onde a Resposta 1 está para o Estímulo 1 e a Resposta 2 também está para o Estímulo 1, [R1 – S1 e R2 – S1].

O nível da contrastividades nos exemplos apresentados é fonético, de natureza de mudança do ponto e de modos de articulação, onde numa variação realiza-se com os traços [+alto, +cont e voz] e na outra variação com traço [-alto, -cont e -voz] respectivamente. Pois, graças a semelhança fonética, as palavras acabam mantendo a sua função que é comum nas variações do Cisena.

Falando sobre constatações de variações linguísticas desta natureza, Appel e Muysken (1987) citando Fasold (1984, p. 147/148) consideram-nas de atitudes linguísticas associadas às visões mentalista e behaviorista, onde a visão mentalista concebe uma atitude como uma intervenção variável a um estímulo e uma resposta e a visão behaviorista considera o facto de as atitudes apresentarem comportamentos ou respostas a uma dada situação, o que faz com que as atitudes estejam presentes nas respostas dadas a partir de comportamentos ou a certas situações.

Como se pode notar, existe nos falantes o conhecimento de que as variações linguísticas do Cisena fazem parte da identidade linguística da sua comunidade assim como sabem que essas

diferenças de falar encontram-se na fala desta ou de outras variações. Isto mostra um conhecimento e capacidade de saber separar sobre a pertença de uma variante particular e o que é da pertença linguística comum da comunidade Sena, pois, os informantes mostraram ter o conhecimento intuitivo de aspectos internos do sistema linguístico da sua língua, assim como fizeram nos entender o seu saber sobre a sua gramática, quando determinam onde e como esses sons eram realizados nas várias variantes o que também demonstra os seus conhecimentos extralinguísticos ao diferenciar as suas variações das variações dos outros falantes.

Entretanto, verifica-se a falta de conhecimento para compreender o processo de aquisição da língua que não existe o melhor ou o mau, bem como compreender e saber lidar com a heterogeneidade e ver a variação como fenómeno inerente à língua.

Com estes dados, podemos compreender que a comunidade linguística Sena tem uma variedade de repertórios linguísticos disponíveis aos seus membros. Assim, a identificação das variações linguísticas que ocorrem na comunidade requer a observação e descrição de diferenças efectivas na pronúncia, gramática, léxico, estilos de fala, entre outros comportamentos comunicativos, sobretudo, os significados sociais, dentro do grupo que as diversas variações carregam.

Na veiculação dos aspectos socioculturais, em especial nas atitudes dos falantes de Cisená, o uso de lugares comuns que marcam as fronteiras dos espaços de partilha das mesmas crenças, dos mesmos preconceitos que garantem a atribuição de um sentido comum à realidade do mundo e à própria identidade, mas que paralelamente, podem tornar-se operadoras de estigma e de discriminação baseados nos usos linguísticos determinados por espaço geográfico ou grupos sociais heterogéneos.

A este respeito podem-se notar dois factos de conhecimento intuitivo dos informantes sobre o seu desempenho, isto é, o conhecimento implícito que o falante nativo tem da sua língua materna e, por outro lado, os falantes sabem muito sobre a sua variação.

Com estes pressupostos, podemos dizer que existem regras gerais da língua Sena que são aceites como marcas partilhadas por todos os membros da comunidade e aquelas que são particulares de cada variante onde os falantes sentem como uma propriedade específica para a sua identidade, o que mostra que estas variações fazem parte das regras gramaticais do Cisena e são consentidas como pertença da comunidade linguística Sena.

Com base nos dados documentais e nas entrevistas assumimos, nesta pesquisa, a existência do Tonga, Phodzo, Care, Bangwe e Balke como variações linguísticas do Cisena, por seguintes razões:

- i. *Tonga* foi de consenso de todos estudos documentais como a variação integrante do Cisena, que também foi reconhecido pelos informantes desta pesquisa como falado nos espaços territoriais dos distritos de Tambara, Chemba, Maringué, Gorongosa oriental, Caia ocidental, Ciringoma norte e Mutarara sul, devido a sua localização geográfica, na região central da comunidade Sena apresenta um número maior de vocábulos das outras variações do Cisena.
- ii. *Phodzo* faz a fronteira linguística com Mayindu e Chuwabo e tem recebido destas línguas muitas palavras novas que não são partilhadas por outras variações de Cisena, mas os falantes são unânimes em aceitar como sua variação e, abrange os distritos de Caia leste, Marromeu, Morrumbala, Mopeia e Chinde que, pela sua localização geográfica recebe muitos traços linguísticos da língua Chuwabo.
- iii. *Care*, devido a influência do Cewa, esta variação adquire outras palavras em relação as restantes variações do Cisena, recebe o consenso dos falantes como sua variação e. Localiza-se no distrito de Mutarara, na fronteira com a República do

Malawi e estende-se no interior desse país até aos distritos de Nsanje e Xikwawa, razão pela qual recebe palavras e pronúncias da língua Cewa.

- iv. *Bangwe* é uma variação que tem recebido no seu vocabulário muitas palavras do Ndau. É de consenso ser a variação do Cisena, cobre as regiões dos distritos de Cheringoma, Mwanza, Nhamantada, Dondo e Beira. Esta variação foi considerada pelos falantes como aquela que faz a fronteira com a língua Ndau, o que faz com que esta receba palavras e mudanças semânticas do Cisena.
- v. *Balke* faz a fronteira com a Língua Shona, através das variações Manyika e Tewe, donde recebe muitas palavras que não são partilhadas por todas as variações do Cisena, localiza-se nos distritos de Makosa, Guro, Barwe, Gorongosa e Gondola.

Devido à semelhança de abordagens das entrevistas, os informantes não podem falar a respeito da língua Sena, imaginam a partir das representações locais que eles falam o 'x', acredita-se que os falantes fazem julgamentos a respeito das pessoas de acordo com suas características linguísticas, que segundo (Saville-Troike 1998, p. 78) são formas comuns de estereotipar.

Assim, podemos considerar atitudes linguísticas de ideias e julgamentos, a partir das quais uma língua e seus falantes são avaliados. Isto dá a entender que as atitudes são derivadas da ideologia, a atitude linguística, nesse caso, pode ser entendida como parte do sistema ideológico, que serve para organizar e relacionar valores e crenças um ao outro e ao comportamento, a um conjunto de julgamentos ético e estético.

As tentativas feitas para abordar as atitudes como objecto de estudo têm apresentado problemas, ao interpretar a fala e o saber sobre a língua como algo homogêneo, quando, na verdade, as enunciações sobre a língua constituem-se em dois fenómenos distintos: o saber sobre a língua e o discurso público sobre a língua.

Ao foco deste trabalho, interessa, principalmente, o segundo fenómeno, `o discurso público sobre a língua`, sobre a qual o autor dia que o argumento do discurso público sobre a língua apresenta a forma elementar de estereótipos e, assim, são facilmente disponíveis e incorporáveis. Tais discursos contêm, principalmente, avaliações, isto é, julgamentos sobre a fala, que fazem parte do conhecimento popular constituído historicamente sobre a língua.

Assim, o discurso público que circula na comunidade Sena, pode revelar as representações que diferentes sujeitos fazem das variações linguísticas do Sena. Essas representações podem ser assim agrupadas, para além da relação entre o indivíduo (o falante) e o objecto (a língua), existe um terceiro elemento de natureza social que são as representações das quais advêm as atitudes sobre o objecto representado.

Segundo Cellard, A. (2008) citando Moscovici (2003, p. 318/319) adquirir uma atitude em relação a um objecto significa que se deve ter uma representação desse objecto, que é parte de seu conhecimento cultural, ou do conhecimento popular, como também parte de sua cognição. É claro que se falamos em cognição aqui é em um sentido muito amplo, incluindo imagens, emoções, paixões, crenças e outros.

Segundo Cardoso (2001), as formas variadas de uso da língua, caracterizadas pela estrutura sociocultural de cada comunidade de fala passa a ser a marca de identificação de um grupo de falantes. Como nem todas as variações linguísticas possuem o mesmo valor no mercado linguístico, as variações cujas características linguísticas correspondem às posições económicas e sociais privilegiadas são avaliadas positivamente. Com efeito, os falantes consideram as suas variações linguísticas como as correctas e avaliam as variações das regiões periféricas como que congregam expressões viciosas e de erros de pronúncia.

Desta forma, podemos compreender que as atitudes são derivadas da ideologia, o que torna difícil, nos limites desta pesquisa, separar atitudes e ideologias, já que as primeiras derivam

das últimas, ambas podem levar a mudanças de formas estruturais e funções sociais da linguagem, à atitude linguística. Nesse caso, pode ser entendida como parte do sistema ideológico, que serve para organizar e relacionar valores e crenças um ao outro e ao comportamento, a um conjunto de julgamentos ético e estético. Assim, em relação a língua Sena é do domínio público, que é uma comunidade que se revela pelas suas representações linguísticas diferentes dos seus falantes e fazem dessas representações uma língua única. Essas representações podem ser agrupadas, para além da relação entre indivíduos falantes e o objecto que é a língua, existe o factor social que determina as atitudes sobre a língua que os representa. Isto deve-se a aprendizagem da língua, como parte da concepção que o ser humano é pré-programado para adquirir e desenvolver a competência linguística, onde a aprendizagem da língua materna ocorrem de forma natural. Neste sentido, toda a actividade verbal se realiza a partir de padrões estabelecidos por uma gramática, mesmo que os usuários da língua não tenham conhecimento explícito das regras as que utilizam, (Parcero 2007, citando Milroy 2001).

Partindo deste pressuposto, pode-se compreender também que os falantes do Cisena adquiriram a gramática de sua língua de forma natural, desta forma, não se pode questionar como eles aprenderam a falar Cisena, daí, o reflexo de que cada região tenha o seu próprio modo de falar dentro da mesma comunidade, parece confortável para os informantes em acreditar que a sua variação, a que mãe lhe seja verdadeira, pois, é nessa variação que consegue realizar todas suas necessidades quotidianas, mesmo que saibam que há outras formas de falar desta língua, nem querem saber se estão certos ou errados, mostrando que os informantes têm apreciação positiva a respeito da sua variação.

Quanto ao valor dado à língua para a sua representação ortográfica, todos informantes apoiam à necessidade do ensino da sua língua, mas com o propósito primário de prevenir as influências externas da sua línguas em relação às línguas Chuwabo, Nyanja e Ndaou, por

considerem usurpadoras dos espaços lexicais de algumas variações do Cisena. Neste pensamento pode-se notar nos falantes a atitude de acreditarem que as variações internas da sua língua fazem parte de um conjunto das características comuns do Cisena e a estrutura sociocultural de cada região é reflectida pelas marcas específicas que identificam um determinado grupo de falantes. Neste contexto, pode-se perceber que as variações do Cisena não possuem o mesmo valor comunicativo se podem verificar variações que ocupam posições privilegiadas e variações de periferia, confinadas ao estatuto de variações menos vulgares na comunidade linguística.

CAPÍTULO 6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Tomando em consideração o problema desta pesquisa que refere que os dados documentais sobre as variações dialectais do Cisená como divergentes perante o pensamento dos falantes, motivados pelos nomes ostentados nos dados documentais, os resultados da pesquisa mostram-nos um alinhamento entre o problema, objectivo e a hipótese, onde se pode concluir que as atitudes linguísticas dos falantes Sena em relação aos seus dialectos são geradas pelos dados documentais que apresentam nomes, que no entender dos falantes, alguns são nomes estigmatizantes. Neste contexto, foi superado o objectivo desta pesquisa, na medida em que ficou provado que a língua Sena tem características comuns e diversificadas que particularizam cada uma das variações, sendo essa particularidade, um elemento-chave de identidade, de unificação ou de rejeição dos seus falantes.

Estes resultados permitem-nos conferir a hipótese formulada para esta pesquisa que preditivamente afirma que *“as variações linguísticas apresentadas pelos dados documentais não reuniam o consenso dos falantes da língua Sena, devido a algumas variações ostentam nomes de carácter de estigmatizantes”*.

Os resultados deste estudo revelam a existência no seio dos falantes da língua Sena o espírito de conservação e de união dos falantes em torno da sua língua, mesmo que reconheçam a sua dinâmica de adquirir um conjunto de traços inovadores e são acomodados e estabilizados na fala de cada variação. Assim, pode-se ressaltar a posição de Appel & Muysken (1987), ao considerarem atitudes linguísticas como representantes da língua que fazem parte dos sentimentos dos falantes a respeito de factos linguísticos normalizados, ou de suas variedades.

Quanto a dinâmica interna as variações mostraram a presença das representações fonéticas e lexicais particulares, embora aceites no contexto sociolinguístico como características diversificadas da língua Sena, que em certo momento são sentidas como elementos fundamentais

de inclusão ou de exclusão entre os membros da comunidade linguística Sena. Assim, a identificação das atitudes linguísticas de uma comunidade de fala requer a observação, compreensão e descrição de diferenças efectivas das variações linguísticas representadas pela pronúncia, gramática, léxicos, estilo de fala que influenciam os comportamentos comunicativos, sobretudo, os significados sociais, dentro do grupo que as diversas variações carregam.

A análise das atitudes dos informantes das variações linguísticas e avaliação manifestada reflectem diferentes percepções quanto ao uso que o falante faz a sua língua. Os usuários das demais variações tendem a mudar-se para a variação mais abrangente, que segundo no entender destes, a variação mais abrangentes agrega o maior número de palavras e expressões comuns do Cisená. Contudo, como forma de prevenir o espírito e comportamento de orgulho e de subjugação por parte dos nativos dessa variação, os falantes não identificam essa variação pelo seu nome, preferindo remete-lo ao nome da língua. o que mais uma vez, confirma a hipótese desta pesquisa ao predizer *a existência de elementos estigmatizantes nas variações quando o falante se apercebe de que está perante um individuo de região diferente da sua.*

De acordo com os resultados constatados nesta pesquisa, foram tiradas três grandes conclusões:

A primeira da análise dos estudos documentais, mostra que mesmo de forma não consensual, reconhecem como variações do Cisená o Tonga, o Phodzo, o Care, o Bangwe, o Gombe, o Lolo, o Gorongozi, o Caia, o Rhumbala, o Balke e o Ciringoma. Entretanto, as que nutrem um consenso em todos documentos são as variações Tonga, Phodzo e Bangwe;

A segunda foi produzida a partir da opinião dos informantes, que reconhece como variações do Cisená Tonga, Balke, Cale, Bangwe, Phodzo. Segundo os informantes, estas variações apresentam palavras com traços específicos que às identificam e às diferem umas das outras quando são faladas. Quanto ao Gombe, Lolo, Gorongozi, Caia e Ciringoma os informantes consideram-nas de variações geográficas, por os seus nomes estarem relacionados com

montes, rios, florestas, entre outros. O que faz assim não reunir o consenso nos dados documentais e nos informantes.

A terceira a que assumimos nesta pesquisa, que se divide em duas partes:

- a) Que reconhece as variações Tonga, Phodzo, Care, Bangwe, Gombe, Lolo, Gorongozi, Caia, Rhumbala, Balke e Ciringoma como variantes geográficas, independentemente de possuir ou não traços que às diferem e identificam os grupos de pessoas de uma determinada região da comunidade linguística Sena;
- b) Que reconhece apenas as variações Tonga, Phodzo, Care, Bangwe e Balke como variações linguísticas do Cisena, por apresentarem traços linguísticos específicos que identificam maneiras de falar de cada variação da língua Sena.

Para os informantes, a variação da língua é aquela que é marcada por algumas palavras específicas desta variação e pode-se verificar através das inovações e a conservação de alguns traços linguísticos já estabilizados na fala local e por isso, não mais estigmatizantes. Estes traços podem ser verificados nos diferentes extractos sociais da comunidade de fala, como nos mais velhos, nos homens ou mulheres, nos jovens, entre outros.

No que diz respeito à influência das outras línguas no Cisena, os resultados desta pesquisa mostram que o uso de palavras e expressões oriundas dos falares de Ndau, Cimonyika, Nyanja e Chuwabo é realidade, embora não sejam usadas de forma ampla no Cisena, os falantes conseguem controlar a sua manifestação, o que pode forçar o seu uso em ocasiões específicas e restritas, como celebrações de actos religiosos.

Quanto à classificação e avaliação sobre as variações mais bonitas de falar conclui-se que não existem valores sociais atribuídos às diferentes formas da língua Sena. Os informantes mostraram que estavam satisfeitos com os seus modos de falar e, por isso, não há quaisquer

conflitos que impliquem desejos a representação estética que seja feia ou má a sua forma de falar nem de outro.

Sobre este pensamento, percebe-se que se aproxima à que foi afirmada por Herculano Carvalho (1979:327), ao considera a língua como uma entidade histórico-social que confere a unidade e a individualidade, onde a consciência dos sujeitos falantes exige o seu modo de falar e de mútua compreensão, mas se sentem unidos por uma tradição histórica, pelo reconhecimento de que esses diversos modos de falar pertencem a uma tradição linguística e cultural comum, a língua é vista como uma entidade única que une os seus falantes, a língua neste sentido é uma.

Esta constatação manifestada pelos informantes revela o espírito de conservação da sua língua como uma entidade única e há um sentimento de que as variações linguísticas que existem fazem parte da sua identidade.

A análise das atitudes e a avaliações manifestadas sobre as variações do Cisena reflecte diferentes percepções quanto ao uso que o falante faz da sua língua. Aqui, verificou-se uma visão preconceituosa e estereotipada que confunde a influência natural que cada falante tem de sua variação natural com a avaliação feita com base em um padrão idealizado que não sofre influências de outras línguas. Assim, um factor determinante do estigma é a noção de “correção” linguística, em relação às variações de outros.

As conclusões alcançadas nesta pesquisa permitem-nos formular as recomendações seguintes:

- a) A necessidade de se realizar estudos similares nas outras línguas bantu moçambicanas, de modo a perceber o que os falantes pensam sobre as **variações** linguísticas referidas nos dados documentais;

b) Desenvolvimento de estudos dialectológicos tomando as perspectivas das variações linguísticas e as geográficas, como forma de evitar as manifestações de estigma e de exclusão no seio das comunidades linguísticas que se caracterizam pelo repúdio dos usuários aos nomes das **variações** listadas nos diferentes documentos que não reflectem os sentimentos dos seus falantes.

BIBLIOGRAFIA

- Alfândega, P.B. (2009). *Cisena 100 anos Depois*. Maputo: Imprensa Universitária;
- Alkmim, T. (Org.) (2001) *Para a história do português brasileiro*. Vol. III. SP: Humanistas;
- Amâncio, R.G. (2011). *Um estudo sobre atitudes Linguísticas: O caso da Tríplice Fronteira*.
Brasil: SP: PG-UEL;
- Apple, A. & Muysken, P.(1987). *Language contact and Bilingualism*, London: Edward Arnold;
- Artur, A.R.(2006).*Empréstimos Lexicais do Português no Cisena*. Relatório do Final de Curso para a obtenção do grau de licenciatura, não publicado, Maputo: UEM;
- Cabral, A. (1975). *Empréstimos Linguísticos nas línguas Moçambicanas*, Lourenço Marques. UEM;
- Cardoso,S.A.M. (2001). *Dialectologia. Trilhas Seguras, Caminhos a Perseguir*. Brasil: UFB;
- Cellard, A. (2008). *A análise documental*. In Pouport, Jean. *A Perspectiva Qualitativa: Enfoques Epistemológico e Metodológico*. Trad. Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, [pp295-316];
- Chimhundu, H. (2006). *The 16 Languages Spoken in Zimbabwe*. In Daily Mirrr: Harare, 23, Thursday, February 2006:
- Clement M. Doke, M.A, D. Litt (2005).*The Unification of the Shona Dialects*. Oslo: Ait e-dit;
- Cristinini & Encarnação (2011). *Caminhos da Geolinguística, uma retrospectiva de Anteriores nascentes ao Projecto ALIB – Brasil: Projecto Atlas Linguístico*;
- Dalby, A. (2004). *Dictionary of Languages*. London: BLOOMSBURY Publishing;
- Da Encarnação, M.R.T. (2011). *Um estudo Geolinguístico de Aspectos Semânticos Lexicais das Comunidades Tradicionais de Ilhabel. S. Paulo*. In Cadernos do CNLF, Serie X - 6. USP;
- Doke, C.M.& Cole, D.T. (1961). *Contributions to the History of Bantu Linguistics*. Johannesburg: Witwatersrand University Press;

- Firmino, G. (2002). *A “Questão Linguística” na África Pós-colonial: o caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique*. Maputo: Promédia;
- Garmadi, J. (1983). *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa: Dom Quixote;
- Gumperz, J.J. (1971). *Language in Social Groups*. Stanford, CA: University Press;
- Guthrie, M.(1967-71). *Comparative Bantu*. London: University Press;
- Herculano, C.J.G. (1979). *Teoria da Linguagem; Natureza e Fenómeno Linguístico e a Análise das Línguas*. Coimbra: Atlântida;
- Hudson, R.A. (1980). *Sociolinguistics*. London: Cambridge University Press;
- Labov, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press;
- NELIMO (1989). *I Relatório Nacional sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas*. Maputo: UEM;
- NELIMO (1997). *II Relatório Nacional sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas*. Maputo: UEM;
- NELIMO, (2011). *Padronização da ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Maputo: Promédia;
- NILS, (1998). *Bukhu ya Kupfundzisa Malembero a Cisena/ livro da Ortografia da Língua Sena*. Maputo: INDE;
- (O`Grady, W. Dobrovolsky, M. Katamba, F. 1996 [1987]. *Contemporary Linguistics, an Introductin*. UK: Essex;
- Parcero, L.M.J. (2007). *Fazenda Maracujá: Sua Gente, Sua Língua, Suas Crenças*. Brasil: UNICAMP;
- Primeiro, U.D.A. (2010). *Morfologia Verbal em Cisena. Marca do passado, presente e futuro*. Maputo: UEM;
- Romaine, S. (2000 [1994]). *Language in Society, An Introduction to Sociolinguistics*. Oxford. UK: University Press;
- Saville-Troike, M. (1989). *The ethnography of communication. An introduction*. 2ª Ed. Oxford: Blackwell;
- Simbe, Pe. D. (2004). *Dicionário Cisena-Português*. Maputo: Imprensa Universitária;

Wardhaugh, R. (1992 [1986]). *An Introduction to Sociolinguistics*. UK: Cambridge.

**PITA BONGECE
ALFANDEGA**



CURRICULUM VITAE

**I. Dados
Pessoais**

- . Apelido: **ALFÂNDEGA**
- . Nome: **Pita Bongece**
- . Data de nascido: **08 de Junho de 1964**
- . Naturalidade: **Maringué - Sofala**
- . Nacionalidade: **Moçambicana**
- . Estado civil: **casado**
- . Residência: **Bairro de Magoanine “C”, Qtrão 25, Rua H, N. º 26
Maputo - Moçambique.**
- . Contacto: **Av. Ahamed Sekou Touré – Maputo - Moçambique**
Tel: +258 21497901/3 Cell: +258 8222970 ou 847478170
- . Correio electrónico: pitalfandega@yahoo.com.br.
- . Proficiência de línguas: **Português, Sena, Inglês, Shona, Changana e Ronga.**

**II. Formação
Académica**

- 2013 – Mestrado em Linguística (Sociolinguística) UEM;
- 2009 – Mestrado em linguística (Descritiva) UEM;
- 1998/03 – Licenciatura em Linguística pela UEM, Maputo;
- 1991/93 – Curso de Língua Inglesa pelo Instituto de Línguas de Maputo;
- 1989/92 – Curso de Teologia Geral Pelo Instituto Teológico da Igreja Evangélica de Nova Aliança de Jesus Heb.8:8 (MIENAJ) – Maputo;
- 1989/90- Curso de Téc. Médio Profissional de Puericultura e Ed. de Infância;
- 1988 – Concluiu o Ensino Secundário Geral pela Esc. Sec. S. Machel da Beira;
- 1983/85 – Técnico Básico Profissional de Puericultura e Educação de Infância;
- 1982 – Agente Elementar de Puericultura e Educação de Infância;
- 1980 – Concluiu o EP2 no Centro Educacional de Gorongosa – Sofala;
- 1978 – Concluiu o EP1 na Escola Primaria de Maringué e Nhanchiri.

<p>III. Experiência de Supervisão e Oponência Científica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento Linguístico em Marracuene: Caso de Xironga; • Que Linguagem a Adotar na Prevenção e Combate ao HIV/SIDA? Caso do Jornal Brilho Celeste e as Mensagens sobre HIV/SIDA no Projecto Igreja e Sida; • A STV e o Uso Das Línguas Bantu, questões de planificação linguística, Maputo; • Expressões anafóricas e ambiguidade em artigos Jornalísticos; • Influências das abreviaturas do SMS na Ortografia de alunos da 12ª classe, caso da ESC. Maputo; • Marcas do passado, presente e futuro na morfologia verbal em Cisená; • Linguagem publicitária e cultural “análise de algumas publicidades televisivas da TVM e STV moçambicanas”; • Os factores sociolinguísticos na mudança de língua; Análise de aspectos interativos na mudança de língua dos indivíduos de Maputo; • Atribuição dos nomes Bantu; • O ensino Bilingue como meio de valorização das línguas nacionais; • Interferência do Xichangana na colocação dos pronomes clíticos em Português;
<p>IV. Experiência Profissional</p>	<ul style="list-style-type: none"> • 2013/14 – Coordenador dos cursos de formação de Técnicos Profissionais em Acção Social e em Educação de Infância, Maputo, Beira e Lichinga; • 2012/13 – Coordenador da equipa multisectorial para a Elaboração do Plano Nacional de Protecção da Família em Moçambique; • 2009/13 - Coordenador do Mecanismo multisectorial de Coordenação de Combate a Violência baseada no Género, GCCVBG; • 2007/13 - Coordenador do Mecanismo Nacional do Grupo de Género em Moçambique, GCG; • 2008/13 – Gestor de políticas e Programas de Género, especialmente sobre a Igualdade e equidade de género, programas nacionais de empoderamento económico e de prevenção e combate a violência contra a mulher em Moçambique; • 2007/13 – Gestor do Projecto de Empreendedorismo Feminino em Manica e Sofala, financiado pelo Banco Africano de Desenvolvimento, BAD; • 2007/13 - Gestor para a Integração de Questões de Género do Projecto de

	<p>Fundo de Apoio a Reabilitação Económica, FARE;</p> <ul style="list-style-type: none"> • 2008/12 – Coordenador de Elaboração e Implementação do Plano Nacional de Combate a Violência contra Mulher, 2008/12; • 2009 – Coordenador de Júri para a Elaboração da Política de Género na Função Pública em Moçambique; • 2005 – Expert de integração das acções de Moçambique na Commonwealth após a sua admissão nesta comunidade, tendo trabalhados seis meses no Secretariado em Londres, concretamente, nas Divisões de Governação e Desenvolvimento Institucional, Transformação Social e Equidade de Género, Assuntos Políticos, Assuntos Legais, Direitos Humanos e Assuntos Económicos.
<p>V. Experiência na Direcção e Liderança</p>	<ul style="list-style-type: none"> • 2014 – Vice-presidente da Academia Cristã de Moçambique; • 2007/013 – Director Nacional Adjunto da Mulher no MMAS; • 2008/09 – Director e Revisor do Jornal Interdenominacional Cristão BRILHO CELESTE, sobre o papel da Igreja no Combate ao HIV e SIDA; • 2002/07 – Chefe de Repartição Central de Cooperação Multilateral no Ministério da Mulher e da Acção Social – Maputo; • 1993/7 - Director Provincial da Acção Social de Nampula e de Maputo; • 1999/02 – Inspetor Técnico do Ministério da Mulher e da Acção Social; • 1997/9 - Coordenador da Repartição de Estatísticas do MMAS; • 1985/88 – Supervisor de Acção Social da Cidade da Beira; • 1982 – Chefe dos Serviços Distritais de Acção Social de Marromeu – Sofala;
<p>VI. Experiência na Assessoria e Consultoria</p>	<ul style="list-style-type: none"> • 2013/14 – Revisor linguístico da Editora Plural; • 2012 – Consultor da Revisão de Política Sectorial de HIV e SIDA no Conselho Municipal da Cidade de Maputo; • 2009/10 - Consultor e Revisor do Jornal Interdenominacional Cristão BRILHO CELESTE, sobre o papel da Igreja no Combate ao HIV e SIDA; • 2008/13 - Revisor do Boleim Informativo trimestral do Ministério da Mulher e Da Acção Social; • Tradutor das Revistas da NWETI, Sobre HIV e SIDA; • Tradutor e Revisor dos livros sobre a História dos Heróis Moçambicanos: Samora Machel, Josina Machel, Eduardo Mondlane e Ngungunyana;

	<ul style="list-style-type: none"> • 2006 – Consultor na elaboração de política sectorial de HIV/SIDA no Ministério dos Transportes e Comunicação; • 2009/11 – Consultor sobre a integração de questões de Género na Comissão Económica Africana – UN, Addis-Abebe; • 2002/6 – Assessor para a Elaboração dos Memorandos de Entendimentos para Assistência aos Grupos Vulneráveis da área da Mulher e da Acção Social e aos parceiros; • 1985/9 – Assessor da Língua Sena no núcleo de Línguas da Rádio Moçambique na Beira;
<p>VII. Experiência na Docência</p>	<ul style="list-style-type: none"> • 2005/13 – Docente de Linguística e de Línguas Bantu na FLCS-UEM; • 2003/05 – Professor de Planificação e Gestão de Projectos de Desenvolvimento Social e Comunitário no Instituto de Ciências de Saúde – Maputo; • 1995/7 – Professor da Língua Inglesa na Academia Militar de Nampula; • 1990/2014 – Professor de Teologia na MIENAJ, Maputo; • 1992/09 – Pastor-Missionário da IENAJ.

Maputo, Dezembro de 2014

O Candidato

Pita Bongece Alfândega